

# Unificação ainda está sendo questionada

A sagrada definitiva do líder na Câmara leva uma corrente política do Governo a recomendar que a escolha do nome para a liderança tenha em conta o impulso que move o PMDB, sob o comando de Orestes Quércia, a um alinhamento interno que dificulta as investidas do Planalto sobre suas bancadas no Congresso, em busca de votos individuais.

Seria necessário ainda abandonar o projeto de manter uma maioria flutuante, pela qual o Planalto iria em busca de apoios individuais ou grupais nos partidos, a cada episódio parlamentar.

Por isso, poderia ser um equívoco a unificação das lideranças do Governo e do bloco governista na Câmara. Teria o líder do Governo, mais do que o seu colega do bloco, liberalizado para mover-se em busca de entendimentos com os partidos de oposição, considerando a busca de articulação caso a caso, nas discussões parlamentares.

Com números nas mãos, demonstra-se que, desde julho, quando Renan Calheiros (AL) deixou a liderança, 160 matérias de interesse do Governo passaram pela aprovação da Câmara. No Congresso,

foram 91 projetos carimbados com sucesso pelo Governo. Mesmo o último embate, a votação na Câmara do projeto que restringe o poder do Presidente em editar medidas provisórias, teria terminado bem para o Governo.

As concessões feitas às oposições nessas votações seriam naturais no atual quadro político, no qual o apelo ao entendimento com a oposição é feito pela liderança governista, em nome da governabilidade, da estabilidade política e da saída para a crise. Em troca, o Governo paga com as concessões possíveis.